



EN GUERRE

# EM VINCENT LINDON GUERRA

UM FILME DE STÉPHANE BRIZÉ



SELECÇÃO OFICIAL  
COMPÉTITION  
FESTIVAL DE CANNES





**Apesar dos duros sacrifícios financeiros por parte dos trabalhadores e dos elevados lucros do ano anterior, a administração da Perrin Industries decide fechar uma das suas fábricas. Liderados por Laurent Amédéo , o seu porta-voz, os 1100 trabalhadores, decidem lutar contra esta decisão brutal, prontos a tudo para salvar os seus empregos.**

---

## **ENTREVISTA COM STÉPHANE BRIZÉ**

### **Porquê este filme?**

Para compreender o que se esconde atrás notícias que regularmente cobrem episódios de violência quando há dificuldades nas fábricas. E em vez de dizer “atrás”, devia dizer-se “antes”. O que antecede estes súbitos surtos de violência? Quais os caminhos que a eles conduzem? A ira, alimentada por um sentimento de humilhação e desespero, vai crescendo ao longo de semanas de luta e revelará, como veremos, um colossal desequilíbrio de forças.

### **Quais são os campos de forças em torno dos quais é estruturado o filme?**

Eu e o Olivier Gorce desenvolvemos o argumento em torno de um eixo duplo: conceber um filme centralizado nas emoções, num contexto real sem adornos. A acção evoluiu em torno de um mecanismo económico que descarta considerações humanas, em paralelo com a observação da raiva crescente dos trabalhadores que são apanhados no tumulto dos planos para encerrar a sua fábrica. Uma ira materializada num representante sindical que não recorre a retórica política, preferindo dar voz à sua dor e indignação, espelho da dos seus colegas. O ponto de discórdia: recusam-se a prescindir do seu trabalho para que a empresa ganhe ainda mais dinheiro, apesar de esta ter comprometido a proteger os empregos dos trabalhadores a troco dos sacrifícios financeiros destes.

### **Fez um filme muito político.**

Político no sentido etimológico - observa questões de estado - mas eu não sou um porta-voz de nenhum partido ou sindicato. Limito-me a escrutinar um sistema objectivamente coerente do ponto de vista do mercado, mas que, do mesmo modo, é objectivamente igualmente incoerente do ponto de vista humano. E esses dois pontos de vista defrontam-se no filme. A dimensão humana contra a dimensão económica. Como podem alguma vez essas duas visões do mundo sobrepor-se? Podem



sequer coexistir actualmente? Acho o tema interessante, porque acho que não há muita gente que se aperceba daquilo que está por detrás dos encerramentos das fábricas de que se ouve falar diariamente na imprensa. Não me refiro a fábricas que fecham por estarem a perder dinheiro, e sim a empresas que fecham as fábricas embora estas sejam lucrativas.

**Para dar corpo a este homem que luta por salvar o seu posto de trabalho e o dos colegas, voltou a escolher o Vincent Lindon.**

É uma relação que cresce filme após filme, ano após ano e que é absolutamente extraordinária. Não é tanto a confiança que existe entre nós que é essencial para este processo, mas a completa ausência de bajulação mútua. Após três filmes, em que pus o Vincent a fazer de homem de poucas palavras, foi necessário desenvolver aquilo que nos era habitual e alterar radicalmente a natureza do seu personagem. Não deixando de manter a necessária observação do mundo. Neste filme, ele é um homem que diz o que pensa, que resiste, que luta ruidosamente. Precisávamos ambos disto, porque é um dos traços que nos define. Temos zanga dentro de nós. Uma alteração na premissa; uma evolução da nossa prática: tanto este papel enquanto líder como esta história preencheram os dois requisitos.

---

“Uma história que merece ser contada (...) há uma sensação de situações autênticas a surgir espontaneamente.” **Screen Daily**

“Mais uma representação fabulosa de Vincent Lindon,[que] soma mais uma caracterização fascinantemente real ao seu reportório de homens fortes do quotidiano.” **Variety**

“Vincent Lindon num forte papel principal. (...) Em Guerra parece muito mais um documentário do que uma ficção - e mais do que um drama laboral, o próprio filme parece a crónica de um soldado no calor da batalha.” **The Hollywood Reporter**

“Stéphane Brizé é um realizador criterioso e o título do seu filme cristaliza a violência que ele mostra com tanta ira quanta lucidez.” **Le Monde**